

XII Seminário de Pós-Graduação do  
Departamento de Teoria Literária e  
Literatura Comparada

# RAZÃO E FORMA

a crítica na periferia do capitalismo

6 A 10 DE NOVEMBRO DE 2023



fflch

XII Seminário de Pós-Graduação do  
**Departamento de Teoria Literária e  
Literatura Comparada**

# **RAZÃO E FORMA**

a crítica na periferia do capitalismo

**6 A 10 DE NOVEMBRO DE 2023**

Faculdade de Letras - USP

**CADERNO DE RESUMOS  
E PROGRAMA**



# RAZÃO E FORMA

a crítica na periferia do capitalismo

Ao propor um tema para o **XII Seminário de Pós-Graduação do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada** da Universidade de São Paulo, nós, da Comissão Organizadora, prestamos uma homenagem ao crítico e professor **Roberto Schwarz**, cuja obra é um apoio inestimável para se discutir o papel da crítica, seu lugar na contemporaneidade e, sobretudo, nas periferias do capitalismo.

Seus ensaios testemunham o poder de elucidação que a crítica literária pode alcançar ao revelar pela forma a lógica e o dinamismo da realidade. Discorrendo sobre o método crítico de Antonio Candido, Roberto Schwarz observou as vantagens de uma crítica capaz de “falar de obra e realidade uma em termos da outra”. O ponto é de vital interesse para a inteligência afinada à transformação política e social pois, nessas condições, escreveu Schwarz, a crítica literária podia “rever o quadro das ideias e letras brasileiras, no qual se inscreve como uma reflexão modificadora, um progresso do conhecimento de si disponível no interior de um processo histórico real”.

Entretanto, de lá para cá, a questão tem sido objeto de reflexões convulsiantes, com destaque para um crescente sentimento de aversão à crítica, muitas vezes acusada de estar “distante” da realidade. Diante desse quadro, reiteramos o convite para que reflitamos sobre o panorama atual da crítica literária, especialmente dentro do cenário brasileiro – o mesmo que nos legou, junto a suas contradições, nomes e pensamentos notáveis.

Tendo isso em vista, convidamos discentes e egressos do Programa a apresentarem seus trabalhos e se valerem do diálogo diante de um público mais amplo, propiciando a circulação do conhecimento e a manutenção de debates caros à área.

**COMISSÃO ORGANIZADORA:** Prof<sup>a</sup> Dra. Cláudia Maria de Vasconcellos (Vice-Coordenadora de Pós-Graduação) e os pesquisadores Alessandro Toller, Allan Alves de Souza, Ana Paula Manrique Amaral, Caio Russo, Carolina de Paula Peters, Eduardo Savella, Giovana Proença, Guilherme Sobota, Gustavo de Almeida Nogueira, Luciana Iser Setúbal, Luís Felipe Ferrari, Mariana de Carvalho Oliveira e Samara Buoso

**6. nov**



14H  
sala 107

Prof<sup>a</sup> Dra.

**mesa de  
abertura**

**Maria Elisa  
Cevasco**

DLM/USP



15h

**sala 107**

mesa 1

# **ROBERTO SCHWARZ E O ENSAIO CRÍTICO**

**MEDIAÇÃO: PROF<sup>a</sup> DRA. PRISCILA LOYDE  
GOMES FIGUEIREDO (DLCV)**

**PRESSUPOSTOS, SALVO ENGANO, DE UMA DIVERGÊNCIA  
NADA SILENCIOSA: NATIVIDADE, ABEL BARROS  
BAPTISTA E ROBERTO SCHWARZ**

**Fabio Pomponio Saldanha** (mestrado)

Orientador: Professor Dr. Marcos Natali

*A fala busca recuperar alguns pontos de tensão entre diferentes vertentes da crítica machadiana, pensando os momentos nos quais as suas formulações basilares (ou seja, seus prolegômenos teóricos) são colocados em suspensão, pressupondo, ali mesmo, um ponto de atrito, minimamente, duplo. Para isso, reconstruiremos os argumentos de Roberto Schwarz em "Leituras em Competição" (2005) e os de Abel Barros Baptista em "Ideia de Literatura Brasileira com propósito cosmopolita" (2009), em uma espécie de estrutura explicativa que tente entendê-los em um modelo de "pergunta e resposta". Isso significa dizer, de certa forma, que buscaremos explicitar a que tipo de pergunta os dois textos se oferecem como resposta – caso seja esse o objetivo de ambos – para que possamos observar a maneira pela qual suas metodologias de pesquisa estão pressupondo pontos teóricos (possivelmente) não discutíveis, que geram, conseqüentemente, pontos de tensão a se encontrarem sem resolução.*

## **“LEITURAS EM COMPETIÇÃO”: O CASO DE BORGES**

**William Augusto Silva** (doutorado)

Orientadora: Professora Dra. Betina Bischof

*“Leituras em competição” é o título do ensaio que abre um dos últimos livros publicados por Roberto Schwarz (Martinha versus Lucrécia, 2012). O texto, que trata da fortuna crítica de Machado de Assis, e em particular de sua recepção internacional, é aberto por sua vez com uma epígrafe da crítica argentina Beatriz Sarlo a respeito de Jorge Luis Borges: “Este livro resulta de quatro conferências que dei na Universidade de Cambridge. [...] Ao falar de Borges precisamente ali e em inglês, tive uma impressão curiosa. Ai estava uma argentina falando numa universidade inglesa sobre outro argentino a quem hoje se considera ‘universal’. [...] A reputação mundial de Borges o purgou de nacionalidade.” Schwarz, que cita Sarlo, que cita Borges: a ponte assim construída dá o ensejo para essa comunicação, cujo objetivo é esboçar possibilidades para uma crítica dialética da obra do escritor argentino, a partir das questões colocadas pelo crítico brasileiro em seu mencionado ensaio. Para isso, comentaremos o texto em questão buscando encontrar pontos de contato entre a crítica de Schwarz a Machado de Assis e a obra de Jorge Luis Borges. Entre outras questões, discutiremos a fortuna crítica borgeana e indagaremos sobre eventual espaço para que nela se incorpore uma crítica dialética igualmente capaz de investigar a verdade social subjacente à obra deste outro mestre na periferia do capitalismo.*

## **CAMPOS DE CARVALHO: CRÍTICA CONTEMPORÂNEA E BANDA FORRA (1941)**

**Wanessa Damasceno Moreira** (mestrado)

Orientador: Professor Dr. Adriano Schwartz

*Após duas décadas de pesquisas sobre a literatura de Walter Campos de Carvalho, chega-se ao momento propício para um balanço geral do que tem sido apresentado e discutido sobre sua vida e obra. Como manda o protocolo, os estudos sobre um autor não canônico demandam a apresentação prévia de sua biografia e produção artística. Sendo ele um “desconhecido”, é pela investigação dos críticos que se monta o seu perfil biográfico e sua trajetória bibliográfica, formando riquíssimos caleidoscópios de análises sobre os arquivos disponíveis, alguns dos quais são raridades, desconhecidos ou inéditos. O tempo passa, novas pesquisas surgem e o caleidoscópio começa a morrer. Por que morre se era rico? Porque,*

*com o tempo, seus críticos incorrem no erro de pensar que não é preciso mais investigar o autor. Seguros, preguiçosos ou conformados ante ao que discutiram outros antes de nós, fazemos uma bricolagem, um cópia, recorta e cola do já dito, e pronto: cumprimos o protocolo. Além da perda criativa, que minguava à medida que nos repetimos rude e grosseiramente, ao nos limitarmos a reproduzir os recortes dos trabalhos dos primeiros críticos de um determinado autor, corremos o risco de não produzir nada de novo. Consequentemente, passamos a não pensar nossas pesquisas como um esforço colaborativo que precisa ser feito de mão a mão. Resultado: morre o caleidoscópico crítico. Esta apresentação vai falar um pouco sobre esse balanço geral da crítica contemporânea de Campos de Carvalho e um pouco sobre a ficcionalização do autor e a presença de “ensaios” no seu primeiro livro Banda Torra, publicado em 1941.*

## **O MUNDO-PROVÍNCIA E A CRISE DA ACUMULAÇÃO LITERÁRIA**

**João Augusto Oliveira Pace** (doutorado)  
Orientador: Professor Dr. Edu Teruki Otsuka

*Já ficou dito e repisado que, no caso de tradições literárias reflexas qual a brasileira, sempre às voltas com a dependência em relação às literaturas centrais, a perspectiva comparatista é não só uma entre tantas possíveis como decorre de uma exigência do próprio objeto. Não foram apenas as formas e os estilos aquilo que imitamos: a ideia mesma de tradição literária, de uma acumulação contínua e razoavelmente concatenada de obras, autores e tendências, foi por nós adotada como modelo de funcionamento de uma literatura digna do nome, seguindo uma norma de coesão cultural de que ora nos aproximamos em parte, ora nos afastamos inteiramente. Mas e quando as próprias literaturas de referência, cujos desenvolvimentos pareciam conformes a uma lógica rigorosa de reiteração e retificação de formas e de assuntos, parecem afastar-se desse exemplo que postularam para as demais? Para falar com Roberto Schwarz, “a bancarrota da tradição”, a que os intelectuais europeus tiveram de responder ao longo do século XX em diante, converge muito bem com a “descontinuidade” e o “arbitrio culturais” que no Brasil foram historicamente a regra, por um processo que, de modo imprevisto, é capaz de transformar uma desvantagem numa vantagem. Partindo desse ângulo, a exposição pretende buscar sugestões dispersas na obra do próprio Schwarz e de outros críticos para tirar algumas implicações desse fato tão sabido, mas talvez ainda não esgotado nas suas consequências para a teoria e para a história literárias: o fato de que a atualidade e o interesse que a literatura brasileira (e não só ela) pôde e pode ter estão ligados não a um salto superador que nos faria emparelhar com nossos modelos, mas a um rebaixamento destes, à sua crise ou ao seu colapso.*

17h

**sala 107**

mesa 2

# CANÇÃO E DIÁRIOS

**MEDIAÇÃO: PROF<sup>a</sup> DRA. VIVIANA BOSI**

**POESIA E CANÇÃO ENTRE 1960 E 1970: UMA HIPÓTESE**

**Zeno Queiroz** (doutorado)

Orientador: Professor Dr. Roberto Zular

*Canção é ou não é poesia? Parto dessa intrincada pergunta com o intuito de investigar o modo como as duas linguagens, em vez de se oporem em absoluto ou se igualarem irrestritamente, mantêm na verdade relações históricas de aproximação e distanciamento, condicionadas tanto pelas poéticas específicas de cada obra, de um lado, quanto pelas circunstâncias sociais com as quais elas discutem, de outro. No quadro geral do problema, a passagem, no Brasil, da década de 1960 para a de 1970 representa, a meu ver, um ponto de inflexão, em que, quantitativa e qualitativamente, o número de poetas que transitam entre a letra e o livro torna-se cada vez maior. Frente ao cerceamento dos meios institucionais promovido pelo regime militar, a nível local, e à multinacionalização do capitalismo no Ocidente, a nível global, uma parcela significativa dos poetas de então, à procura de diferentes formas de integração da arte à práxis e de envolvimento na vida coletiva, adere a gêneros públicos como a canção popular, cujo caráter politizante ao mesmo tempo que adequado aos códigos da sociedade de massas permite uma ambígua participação da poesia no debate sobre os rumos do país. Entre o pop e o popular, a voz do rádio e a voz do rito, a canção - esta é minha hipótese - parece buscar na poesia uma maneira de resistir à homogeneização dos processos criativos dentro dos limites de uma indústria cultural crescentemente racionalizada, ao passo que a poesia, por seu turno, parece buscar na canção uma via para intervir no espetáculo político do consumo, de sorte que no vínculo entre uma linguagem e outra se revelam as tensões àquela altura prementes entre a urgência do imediatismo, instado pelo engajamento nas necessidades do presente, e o vagar da mediação, quando o tempo estético encontra o largo andamento da História.*

## **FACES DO POETA CANTOR: UMA LEITURA DE VAGA MÚSICA, DE CECÍLIA MEIRELES**

**Leticia Machado Freire** (mestrado)  
Orientador: Professor Dr. Ariovaldo Vidal

*O presente trabalho busca ler e analisar cinco poemas de Vaga Música (1942), segundo livro de maturidade de Cecília Meireles. A leitura desse conjunto tem como critério primeiro a hipótese de que por toda a obra da poeta se configuraria de diferentes modos um tipo de eu-lírico específico advindo do mito de Orfeu, o deus da lira. Assim, partindo do livro anterior a Vaga Música, Viagem (1939), a pesquisa se propõe a identificar esse eu-lírico órfico, cuja constituição guarda concepções acerca de uma visão de mundo singular da poeta sobre a relação entre poesia e canção, principalmente. Dessa maneira, os poemas escolhidos, "A dona contrariada", "Descrição", "Canção quase inquieta", "Eco" e "Canção do carreiro", apresentam eu-líricos ligados à canção e ao canto e são pensados como manifestações líricas advindas do eu-lírico órfico, que podem configurar uma chave de leitura para o livro, além de expandir os sentidos sobre a visão poética de Cecília Meireles.*

## **AS FIGURAS DE ESCRITOR EM OS ANOS FELIZES, DE RICARDO PIGLIA**

**Ana Paula Chican de Oliveira** (mestrado)  
Orientador: Professor Dr. Samuel Titan

*Os anos felizes é o segundo de três volumes que compõem Os diários de Emilio Renzi, de Ricardo Piglia. A obra aborda o cotidiano de Renzi, o narrador-personagem que busca se estabilizar como escritor no final dos anos 60 e na primeira metade dos anos 70. Para sobreviver e poder dedicar-se à escrita ficcional, ele trabalha em editoras, em revistas literárias e dá cursos. O dia a dia retratado se desdobra em diferentes momentos de reviravoltas na vida pessoal do narrador-personagem, em tentativas e fracassos em sua produção ficcional e em inquietações frutíferas em suas notas críticas. O escritor retratado desponta e se desdobra em diferentes facetas.*

*Sendo assim, as entradas deste diário romanesco compõem um retrato singular da cena literária argentina. Nelas são narrados debates e encontros com escritores contemporâneos, são analisados princípios e anseios que orientam a linha editorial da revista Los Libros, são rascunhadas e elaboradas notas críticas que fundamentam artigos, aulas e seminários e são relatadas divergências em intervenções públicas ou em reuniões com colegas. A leitura desses fragmentos, em conjunto, permite a investigação de posicionamentos e polêmicas nas quais o narrador se engaja. Delas, pode-se inferir e reconstituir uma perspectiva sobre o estado da ficção e da crítica literária da época e sobre a relação entre literatura e política.*

*Dessa maneira, a presente pesquisa em desenvolvimento busca, por meio de leitura analítica de Os anos felizes, investigar as figuras de escritor que se forjam nas diversas e híbridas entradas da obra. Além disso, intenciona-se notar como essas figuras de escritor se engendram na forma diarística construída de maneira obsessiva por Ricardo Piglia. As escolhas formais e temáticas que constroem as diferentes facetas do escritor podem revelar reflexões do autor sobre o compromisso da crítica e sobre o engajamento dos escritores na literatura contemporânea.*

## **O LUGAR DOS DIÁRIOS NA OBRA DE VERGÍLIO FERREIRA**

**Fernando Rinaldi** (mestrado)

Orientadora: Professora Dra. Marta Kawano

*Neste seminário, pretendo tratar de um aspecto fundamental da minha pesquisa sobre o escritor português Vergílio Ferreira, qual seja, as duas forças antagônicas a partir das quais podemos entender o papel que a escrita diarística tem dentro de sua obra: de um lado, a depreciação do gênero aliada a uma certa resignação de que as obras maiores, os romances, talvez tenham ficado mais difíceis de serem realizadas na idade em que começa a série Conta-corrente; do outro, a necessidade essencial da escrita, e o entendimento de que a linguagem reveste até o que é da esfera da vida privada das cortinas do simbólico, e portanto esses livros pertenceriam também ao que poderíamos inserir no campo literário. No entanto, mesmo com o compromisso estético assumido por Ferreira, os diários foram sempre relegados à lateralidade do seu projeto literário. Por que, então, os continuar escrevendo e publicando?*

*Além disso, levantarei as diferenças e semelhanças dos nove volumes de Conta-corrente em relação aos livros Pensar e Escrever, obras-irmãs escritas no fim da vida que, embora incluídas no rol dos seus diários, seguindo uma declaração do próprio autor (“estes textos são uma espécie de diário do acaso de ir pensando”), são praticamente desprovidas de ancoragem espaço-temporal e de notas sobre o cotidiano. Assim, serão levantadas algumas características a respeito do gênero no qual as obras acabaram inseridas para entendermos sob quais aspectos elas se aproximam e se afastam daquilo que é esperado para a prática diarística e em que medida a indecidibilidade da forma se comunga com os vários temas que propõem os livros, intensificando o significado de cada reflexão.*

**7. nov**

14h

**sala 212**

mesa 3

# **O FEMININO NA LITERATURA**

**MEDIAÇÃO: PROF<sup>a</sup> DRA. IVONE DARÉ RABELLO**

## **OS ASPECTOS FUNDAMENTAIS DA LITERATURA MONOGATARI**

**Adriane Carvalho Torquato** (doutorado)

Orientadora: Professora Dra. Aurora Bernardini

*O desenvolvimento dos fonogramas permitiu que, durante o Período Heian (794-1186) da história japonesa, a literatura feminina prosperasse tanto no âmbito da poesia como no da prosa. Nessa época surgiu o modo literário conhecido como monogatari (物語), caracterizado pela temática ficcional, com tramas ambientadas na corte imperial e narradas em terceira pessoa. Com estrutura combinando prosa e poesia, a literatura monogatari tem como marco inicial a obra Taketori Monogatari (O Conto do Cortador de Bambu), de autoria desconhecida, datada do século IX e seu ápice foi o Genji Monogatari (Narrativas de Genji), de Murasaki Shikibu, escrito no início do século XI. O monogatari era, inicialmente, considerado uma literatura frívola, mero passatempo para as damas da nobreza. No entanto, tais obras exercem, até os dias atuais, enorme influência sobre a literatura e a cultura japonesa. Nesta apresentação discutiremos sobre as principais características da literatura monogatari e suas semelhanças e diferenças em relação ao romance ocidental.*

## **AS LEITURAS FEMININAS EM SE UM VIAJANTE NUMA NOITE DE INVERNO, DE ITALO CALVINO**

**Pedro Oswaldo Horta** (mestrado)

Orientadora: Professora Dra. Sandra Vasconcelos

*Este trabalho tem como objetivo apresentar como o romance Se um viajante numa noite de inverno, de Italo Calvino, representa certa noção de 'leitura feminina'. Em particular, pretendo contrastar os atos de leitura de dois personagens: o Leitor-protagonista e Ludmilla, a Leitora introduzida no capítulo 2. Quanto aos primeiros dois personagens, percebemos que o Leitor, embora protagonize o romance no sentido mais convencional do termo, apenas acompanha as mudanças que sua aventura propõe à leitura do romance que comprara no início da narrativa. A Leitora, por sua vez, aparenta exercer maior influência nos textos que lê, de tal forma que os incipits que intercalam a narrativa central acompanham de perto os desejos de leitura por ela expressos. Nossa hipótese é que tal procedimento formal reflete uma mudança nas relações de gênero implícitas no próprio ato de leitura. Como contraponto a essa dupla de protagonistas, também analisarei o tipo de leitura realizada por Lotaria, beletrista que utiliza de recursos tecnológicos para extrair sentido dos romances através de computações estatísticas. Ao final, pretendo apontar como tais representações influenciam a construção do romance de maneira geral, uma vez que este é, em minha opinião, acima de tudo um romance sobre o ato de leitura.*

## **A POLÍTICA DO DISFARCE EM AVENTURAS DE DIÓFANES (1752), POR TERESA MARGARIDA DA SILVA E ORTA**

**Hanna Andressa Oliveira** (doutorado)

Orientadora: Professora Dra. Marta Kawano

*Esta pesquisa de doutoramento busca apresentar e discutir as problemáticas de autoria feminina e dissimulação narrativa a partir da trajetória histórico-literária da escritora brasileira Teresa Margarida Silva e Orta (1711 - 1793). A deriva do cânone, apenas em 1945, quase duzentos anos após à publicação de sua magnum-opus, Orta foi reconhecida como autora de Aventuras de Diófanes (1752), publicada em Portugal. Único romance de sua autoria, é caracterizado em um contexto disseminador de ideais iluministas e parece criar um jogo irônico em uma ode à moral e aos bons costumes enquanto abrange fortemente uma contraposição à condição feminina setecentista. Quanto ao escopo narrativo do romance, que se estende em um enredo didático da sobrevivência da*

*mulher em sociedade, nos direcionam as discussões de Mikhail Bakhtin (1997; 2002) sobre os aspectos formais do romance pedagógico e as concisas considerações de Alfredo Bosi (2015) acerca da pioneira e igualmente inexplorada produção de Orta. Sobre esta questão, tomar a crítica e a recepção do romance se faz enquanto ponto crucial de sua interpretação, problemáticas as quais são tratadas por Anna Faedrich (2018) e Conceição Flores (2011); se somam ao debate da autoria e crítica também o espaço destinado às mulheres escritoras no cânone literário, tratados nas reflexões de Simone de Beauvoir (1970), Georges Duby e Michelle Perrot (1991). Acerca das problemáticas que envolvem as questões de identidade e gênero, principalmente debatidas nas construções das personagens femininas e suas interações sociopolíticas, compõem a fortuna crítica Antonio Candido (1963), Michelle Perrot (2007) e Sandra M. Gilbert e Susan Gubar (1984).*

16h

**sala 212**

mesa 4

# REPRESENTAÇÕES DA VIOLÊNCIA NA LITERATURA

**MEDIAÇÃO: PROF. DR. CAIO GAGLIARDI (DLCV)**

## **VIOLÊNCIA CAMUFLADA EM O MUSEU DA INOCÊNCIA**

**Ana Luiza Rocha do Valle** (doutorado)

Orientadora: Professora Dra. Betina Bischof

*Esta comunicação trata da análise desenvolvida no segundo capítulo da tese "Violências e formas de representação: estudo comparado entre romances e museus". A investigação tem como referência os estudos de Roberto Schwarz sobre Machado de Assis. Identificamos semelhanças importantes entre narradores machadianos e Kemal Basmacı, narrador do romance O Museu da Inocência, de Orhan Pamuk. A partir do que aprendemos com a abordagem de Schwarz, propomos uma leitura do romance turco que revele a violência do narrador e da elite istambulita por ele representada, a despeito das muitas leituras acadêmicas e jornalísticas que categorizam O Museu da Inocência como uma história de amor.*

## **ENTRE MARES E RUÍNAS: UMA LEITURA CONTRAPONTUAL DE *WIDE SARGASSO SEA*, DE JEAN RHYNS**

**Mariana de Carvalho Oliveira** (mestrado)

Orientadora: Professora Dra. Sandra Vasconcelos

*Em Wide Sargasso Sea (1966), último romance de Jean Rhys, a história do domínio britânico sobre a região das antigas Índias Ocidentais compõe um tópico de profunda relevância para a leitura da obra. A compreensão dos fatos imperiais não somente clareia passagens a princípio enigmáticas, mas é também peça-chave na construção da subjetividade de seus personagens, em especial a protagonista do romance, cujas origens remontam à outra grande obra do cânone ocidental: Jane Eyre (1847), de Charlotte Brontë. Partindo desses pressupostos, o objetivo desta comunicação é analisar Wide Sargasso Sea à luz do conceito de "leitura em contraponto" elaborado por Edward Said no livro Cultura e Imperialismo (1993). Com isso, pretende-se demonstrar como uma visão atenta ao processo imperialista britânico e às formas de resistência a ele põem em xeque as tentativas de associar a protagonista da obra a noções integrais de identidade.*

## **A LITERATURA E A FÚRIA: FICÇÃO E CRÍTICA NA OBRA DE MICHÈLE BERNSTEIN**

**Gustavo Santana de Moraes** (mestrado)

Orientadora: Professora Dra. Ana Paula Pacheco

*Michèle Bernstein foi uma das figuras centrais da Internacional Situacionista (1957-1972) e escreveu dois romances (1960 e 1961). Nesse sentido, pretendemos mostrar a centralidade da autora para o grupo e como seus textos foram fundamentais para articular a crítica encampada por eles nos anos 1960. Trata-se de ressaltar a importância, muitas vezes esquecida, de Michèle e de outras mulheres na vanguarda situacionista, uma vez que ela conduziu debates, selecionou temas e referências de maior importância para as atividades desse mesmo grupo.*

**8. nov**

14h

**sala 107**

mesa 5

# LITERATURA ALEMÃ

**MEDIAÇÃO: PROF<sup>a</sup> DRA. SYLVIA TAMIE ANAN**

## **O ESTILO TARDIO DE THOMAS MANN: A ENGANADA E A QUESTÃO DO ROMANTISMO**

**Leonardo Augusto Castilho Thomaz** (mestrado)

Orientador: Professor Dr. Jorge de Almeida

*Em A enganada (1953), última novela de Thomas Mann, o Romantismo alemão funciona como lastro da composição. Rosalie von Tümmeler, viúva de meia-idade já passada da menopausa se apaixona pelo jovem estadunidense Ken Keaton. Como sintoma desse amor, Rosalie volta a "menstruar". Porém, os sangramentos não são unicamente a redescoberta do amor, já que é um sintoma de um câncer bastante avançado no ovário. Ou seja, através dessa trama, se revisitam temas caros à poética romântica - como a reconciliação da natureza através do amor e do poder rejuvenescedor do sentimento. Porém, por ser fruto de um tempo de crise cultural e social, a novela reabilita essas utopias românticas matizando-as historicamente, configurando-as como passado e promessa ao mesmo tempo. Essa dialética trata-se, na verdade, da pedra de toque do estilo tardio de Thomas Mann, que visa visitar essas principais estruturas do passado cultural alemão para inseri-los criticamente no contexto pós-hitlerista.*

## DITO E ECO: DOENÇA E MORTE DE CRIANÇAS EM ROSA E MANN

**Iago Lago Hamann** (mestrado)

Orientador: Professor Dr. Marcus Vinicius Mazzari

*Inaugurado, salvo engano, por Roberto Schwarz (em “Grande-Sertão e Dr. Fausto”, ensaio publicado em A Sereia e o Desconfiado, 1981), o exercício comparatista entre obras de Guimarães Rosa e Thomas Mann recebe novo recorte. Para além das adaptações ao século XX do mito de Fausto, possível apenas, como argumenta o crítico, com a mudança do ‘estatuto ontológico do Diabo’ – duma realidade material a uma psicológica –, e com a ‘existência com ressalvas’ do pacto demoníaco, encontramos um outro motivo que, retratado de maneira algo que similar em obras tão díspares quanto Doutor Fausto e Campo Geral, justifica outra vez o confronto entre os autores. As crianças Dito, irmão do protagonista Miguilim, e Eco, sobrinho do protagonista Adrian Leverkühn, adoecem e morrem, em episódios que julgamos definitivos para certas interpretações das narrativas. Algo do que disse Schwarz ao confrontar Grande Sertão e Doutor Fausto pode ser dito, complementarmente, sobre este e Campo Geral; o foco será, todavia, a especificidade do motivo da criança que adoece e morre, que receberá o tratamento particular apropriado, sem perder de vista o liame entre forma e realidade histórica.*

# TOPOGRAFIAS DA MEMÓRIA OU A LEGIBILIDADE DOS LUGARES EM *TRANSIT* - O ROMANCE E O FILME



**sala 107**

**16H** EXIBIÇÃO DO FILME  
**18H** PALESTRA

Prof<sup>a</sup> Dra.  
**Luísa Afonso Soares**  
(Universidade de Lisboa)

Nesta palestra proponho uma reflexão sobre os Estudos de Memória, nomeadamente sobre a espacialidade e mobilidade da memória e a consequente constituição de espaços mnemónicos transculturais e transnacionais. Para acompanhar esta reflexão, esboço uma leitura do romance *Transit* (1944) de Anna Seghers e a adaptação ao cinema por Christian Petzold em 2018.

19h30

ONLINE | <<https://meet.google.com/xpr-aoio-bxh>>  
*transmissão ao vivo na sala 107*

mesa 6

# CINEMA E POESIA

MEDIAÇÃO: PROF. DR. FERNANDO VIOTTI

## UM "SENTIMENTO" COMUM NAS ADAPTAÇÕES AUDIOVISUAIS: BRASIL-RÚSSIA

**Gabriel do Valle Corrêa** (doutorado)  
Orientador: Professor Dr. Edu Teruki Otsuka

*Os ensaios de Roberto Schwarz são ricos exemplos de problematização, reflexão crítica, conteúdo e testemunho dos rumos tomados pela tradição do pensamento, em relação a vários campos, inclusive aos desdobramentos da literatura na produção audiovisual contemporânea mundial. Se em diferentes países e épocas, o "nacionalismo" cumpriu a função ideológica da classe que outorga para si a autoridade travestida de legitimidade, Schwarz mostrou que a tentativa de conciliar o imperativo de participar da convenção normativa mundial e autoridade política de fato deram unidade a agrupamentos sociais complexos e difusos. Entretanto, o crítico também sugeriu como grandes escritores souberam jogar uma luz periférica sobre a dinâmica dessas "verdades" da cultura ocidental. Por um lado, se a ideia de sociedade, como algo com destino próprio foi posta em questão e ninguém mais "pensa que os países da periferia têm uma dialética interna forte", por outro, as "novas" ideias contemporâneas podem estar tão "deslocadas" quanto as antigas, recalibrando conhecidas coordenadas da crítica.*

Nesse sentido, sugerimos pelo menos três abordagens para debate: (1) o caminho interpretativo sobre a “poesia envenenada” de Machado de Assis servir como ponto de partida para revisão da história da crítica machadiana; (2) a problematização de pontos obscuros marcantes na produção audiovisual; e (3) a reflexão que leva a um “sentimento” comum, compartilhado com pensadores de diferentes campos culturais da crítica russa.

Essa proposta é derivada do trabalho de comparação feita entre quatro produções audiovisuais de contextos culturais e midiáticos diversos, mas com um significativo diálogo com obras literárias fundamentais em seus respectivos contextos nacionais: O Idiota, de Dostoiévski, e Dom Casmurro, de Machado de Assis. As produções analisadas foram: os filmes O Idiota (1958), de Ivan Píriev; Capitu (1968), de Paulo César Saraceni; e as minisséries O Idiota (2003), de Vladímir Bortko; e Capitu (2008), de Luiz Fernando Carvalho.

## **DOCUMENTÁRIO, FICÇÃO E PERFORMANCE NO FILME A VIZINHANÇA DO TIGRE**

**Bruna Franco Diaz Batalhão** (doutorado)

Orientadora: Professora Dra. Ana Paula Pacheco

*Pensar o recurso de mistura dos gêneros documentário e ficção, presente no cinema brasileiro independente da década de 2010 e no filme A vizinhança do tigre (2014), em particular. Enquanto solução formal que busca exageros e alterações na captação do real, a mistura de documentário e ficção tenderia a se afastar do documentário tradicional, de estilo naturalista. A vizinhança do tigre, ao utilizar os dispositivos de performance e de reencenação de si pelos sujeitos filmados, parece querer convocar uma dimensão imaginativa e performativa que parte, por sua vez, da singularidade dos sujeitos periféricos filmados. Ao que tudo indica, o resultado das operações de performance e reencenação no filme não servem a uma ficcionalização, mas à justeza de um retrato, atingindo uma representação mais próxima do naturalismo. Distanciando-se dos clichês no tratamento dos moradores e dos espaços da periferia, bem como do imaginário a eles atrelado, A vizinhança do tigre alcança uma espécie de autenticidade justamente quando mobiliza o aspecto performativo das ações, como já foi observado no cinema de Eduardo Coutinho, por exemplo (Xavier, 2014). É a partir dessa relação entre performance e um efeito de autenticidade por ela alcançado, “não como ilusão de encenação, mas como autenticidade produzida na encenação” (idem, p. 38), que será discutida a mistura dos gêneros ficção e documentário e a matéria histórica de que o presente filme trata.*

## CONEXÕES CRÍTICAS: ANA CRISTINA CESAR LEITORA DE ROBERTO SCHWARZ

Professora Dra. **Raquel Galvão** (pós-doutorado)

*A pesquisa de pós-doutorado “Conexões críticas de Ana Cristina Cesar: novos olhares sobre a literatura brasileira do século XX” (FAPESP, 2023) mobiliza o acervo de Ana Cristina Cesar (1952 - 1983), buscando identificar a influência de notáveis críticos brasileiros em sua produção jornalística dos anos 1970 e 1980, a partir da consulta de notas de leituras e manuscritos da marginália dos livros que compõem a sua biblioteca pessoal. Nesta exposição, pretende-se abordar a leitora que se revela no contato com a obra de Roberto Schwarz, apresentando anotações de Cesar em uma espécie de caderno de estudos (1973), que contém destaques sobre As ideias fora do lugar (1973), a fim de analisar o que a escritora evidencia a respeito das elaborações críticas de Schwarz e como essa leitura afeta o seu próprio projeto crítico.*

## EU-LÍRICO, LUGAR DE CLASSE E NEGRITUDE NA POESIA DE SOLANO TRINDADE

**Rafael Torrano Ciancio** (doutorado)

Orientadora: Professora Dra. Ivone Daré Rabello

*A noção de eu-lírico presente na modernidade e apreendida pela crítica literária é um constructo historicamente determinado, que serve bem a algumas experiências subjetivas modernas, enquanto parece fazer pouco sentido para outras experiências subjetivas - também modernas. Mais especificamente, para pessoas cuja experiência de vida é a de negação da individualidade e, portanto, em certo sentido, da negação da construção de uma subjetividade alinhada aos pressupostos burgueses; para essas pessoas, a própria noção de eu-lírico como a conhecemos e suas formas de expressão parecem distantes ou deslocadas. A poesia de Solano Trindade, por ser fruto de uma experiência de vida de um sujeito negro, proletário, na periferia do capitalismo, deixa ver outras possibilidades de expressão lírica, que ao mesmo tempo a tensionam e a reelaboram. Ela é, por isso, valiosa para entender a modernidade vista da perspectiva de sujeitos periféricos.*

**9. nov**

14h

**sala 107**

mesa 7

# LITERATURA E FILOSOFIA

**MEDIAÇÃO: PROF<sup>a</sup> DRA CLÁUDIA VASCONCELLOS**

## **A CIÊNCIA NA FICÇÃO: DILEMAS ÉTICOS CIENTÍFICOS NAS NARRATIVAS PARTICULARES DE LABATUT, FRAYN E VOLPI**

**Alessandro Gobet Toller** (mestrado)

Orientador: Professor Dr. Jorge de Almeida

*Este projeto pretende desenvolver um estudo comparado entre três obras ficcionais de literatura contemporânea que abordam, cada qual à sua maneira, personalidades científicas e pesquisas seminais que influíram de forma decisiva em acontecimentos históricos e no imaginário ético e filosófico no século XX.*

*Em Quando deixamos de entender o mundo (2019), o jovem escritor chileno Benjamín Labatut (1980-) lança mão de narrativas híbridas sobre (reais ou ficcionais) biografias de cientistas que tiveram suas formulações inscritas entre algumas das mais impressionantes descobertas da ciência moderna, para sugerir o tênue limiar entre conhecimento e o abismo da razão. A obra foi apontada pelo romancista John Banville como um "romance de não-ficção" e trafega, segundo a crítica, por domínios da ficção, realidade, biografia, ensaio, dados e divulgação científicos.*

*Na peça teatral Copenhagen (1998), o veterano inglês Michael Frayn (1933-) emula um dos princípios da física de partículas em sua estrutura dramática para imaginar respostas ao verídico e misterioso encontro entre os físicos Niels Bohr e Werner Heisenberg durante os primeiros passos para a fabricação da bomba atômica com a ocupação nazista na Europa.*

*Em busca de Klingsor (1999) é um romance histórico e investigativo escrito pelo mexicano Jorge Volpi (1968-), cujos capítulos comportam expressões próprias do léxico das pesquisas em energia atômica, além de nomes de alguns de seus principais representantes matemáticos e físicos.*

*Três obras de distintos gêneros de literatura que escapam, em maior ou menor grau, de classificações definitivas e compartilham da mesma matriz temática e histórica apontada neste projeto.*

## **A EDUCAÇÃO PELA NOITE: AFORISMOS E ÉTICA-PRÁTICA EM BALTASAR GRACIÁN E ARTHUR SCHOPENHAUER**

**Allan Alves de Souza** (doutorado)

Orientadora: Professora Dra. Marta Kawano

*Como parte de uma pesquisa sobre o aforismo moderno como gênero filosófico, esta comunicação propõe uma análise comparativa entre Oráculo Manual y Arte de Prudencia (1647), de Baltasar Gracián, e Aphorismen zur Lebensweisheit (1851) (Aforismos para a Sabedoria de Vida), de Arthur Schopenhauer. É fato conhecido que Schopenhauer traduziu Gracián e se tornou um dos principais interlocutores da obra deste jesuíta espanhol no contexto da filosofia europeia. O manual de Gracián, mais do que um espelho de príncipes, é um protréptico para a observação humana, com raízes no neoestoicismo espanhol, segundo aponta Karl Alfred Blüher (1982, 2005). Por outro lado, os aforismos de Schopenhauer, parte dos Parerga und Paralipomena, são uma obra que, a partir da análise de John Oxenford (1853), projetaram o filósofo alemão em um circuito intelectual europeu mais amplo. O foco desta comunicação reside em três categorias conceituais: o kairós, a dimensão temporal do homem de ocasião; a imagem-metáfora da guerra; e o conceito de filosofia noturna como categoria pedagógica de pensamento literário-filosófico. A comunicação dialogará com referências no campo, como Clément Rosset, Hans Blumenberg, Hans Gumbrecht, John Stuart Mill, Jorge Lovisolo, José Thomaz Brum, Michel Onfray, Pierre Hadot, Robert Zimmer e Werner Krauss.*

## EXISTE UMA TEORIA LITERÁRIA DELEUZIANA?

**Caio Vinicius Russo Nogueira** (doutorado)

Orientador: Professor Dr. Fabio Andrade

*Para Gilles Deleuze, a literatura não serve de mera ilustração a partir da qual conceitos filosóficos poderiam ser decalcados ou explicitados: a literatura pensa, e pensa por seus próprios meios e problemas constitutivos. No entanto, qual seria o pensamento da literatura? Em que medida esse pensamento se distingue, por exemplo, do filosófico ou do exercício analítico e crítico? Nessa comunicação, seguindo esses questionamentos lançados, abordaremos alguns conceitos que servirão - como um tipo de constelação instável, um sistema aberto - de guia para traçarmos a possibilidade de uma teoria literária deleuziana que vise liberar o pensamento literário tanto da reflexividade sociológica imediata quanto do projecionismo subjetivo do leitor. Se há uma teoria literária deleuziana, essa teoria deve ser compreendida na passagem do plano poético (técnico-formal) para o estético (sensação); e essa passagem, ao que nos parece, não significa, como para Rancière, a afirmação de uma "metafísica da literatura", uma forma de reconduzir o transcendente ao imanente, nem uma afirmação tardia do "tudo fala" do romantismo ou uma posição pré-estruturalista que ignore a opacidade da linguagem reafirmando a sua antiga referencialidade ao mundo. A orientação de uma tal teoria literária não propõe um "próprio" do discurso literário, uma divisão entre a linguagem poética e a cotidiana (Mallarmé e Heidegger), mas um "impróprio" de partida que é agenciado por procedimentos diferenciais fabulados pelos escritores. Se há uma teoria literária deleuziana, uma analítica do plano compositivo literário, essa teoria poderia ser igualmente denominada uma estética da literatura, passagem da linguagem (quid facti) à imagem (quid juris).*

## DIÁRIOS DE UM ESTRANGEIRO: A VIAGEM DE SAMUEL BECKETT PELA ALEMANHA DE 1936 E 1937

**Gustavo de Almeida Nogueira** (doutorado)

Orientador: Professor Dr. Fabio Andrade

*Em 1936, o escritor Samuel Beckett parecia encontrar-se em uma encruzilhada. Tendo abandonado uma promissora carreira acadêmica em anos anteriores para se dedicar à produção literária, o irlandês recebera alguma atenção da crítica com suas obras publicadas - um livro de contos e outro de poemas -, mas nem de longe o bastante para que pudesse se manter exclusivamente do ofício. Concluindo o*

que seria seu primeiro romance a ser publicado, Murphy (1938), já à certa distância segura da influência massiva que seu conterrâneo James Joyce teve sobre seus primeiros escritos, Beckett ainda se mostrava – como sua correspondência o atesta – um tanto incerto quanto ao seu próprio caminho estético. É nesse contexto que o irlandês toma a decisão algo surpreendente de viajar pela Alemanha – país que já conhecia de algumas visitas a parentes e cuja língua dominava o bastante para ler grandes autores no original. As anotações de naturezas diversas que tomou desta viagem compõem o material de nossa fala, a partir do volume Samuel Beckett's German Diaries 1936-1937 (2011), de Mark Nixon.

Constituindo-se como um dos raros registros de viajantes contrários ao regime nazista por essa Alemanha à época, é o interesse de Beckett pelas artes plásticas com as quais teve contato – e as circunstâncias por meio das quais conseguiu chegar até elas – que toma lugar privilegiado para suas reflexões estéticas nestes diários. O objetivo central da fala é esboçar o modo com que as imposições da situação histórica concreta se entrelaçam com as questões estético-filosóficas beckettianas: o lugar delegado ao que o nazismo denominou de “arte degenerada”, e a singularidade dessas artes delineada a partir de um olhar estrangeiro, elaboradas pelo imbricamento de reflexões pessoais e artísticas que a forma do diário de viagem implica.

16h

**sala 107**

mesa 8

## **MODERNISMO**

**MEDIAÇÃO: PROF DR. FÁBIO DE SOUZA ANDRADE**

### **O CAMERA EYE OSWALDIANO: O POEMA "DOCUMENTAL", DE PAU BRASIL (1925)**

**Eduardo Savella** (mestrado)

Orientadora: Professora Dra. Maria Augusta Fonseca

*Na fortuna crítica da obra literária de Oswald de Andrade, a metáfora cinematográfica recorre desde seu primeiro romance, Os Condenados (1922). A respeito dos poemas de Pau Brasil (1925), por exemplo, Haroldo de Campos utiliza, no ensaio "Uma poética da radicalidade" (1965), a expressão "camera eye oswaldiano", como se o sujeito poético se identificasse à objetiva de uma câmera de cinema, a uma mesa de montagem. Como se dão, exatamente, aproximações formais entre poesia e cinema, como essa, nesse livro de Oswald? A partir da leitura de um poema de Pau Brasil ("documental", que integra o segmento do livro intitulado "Roteiro das Minas"), intenta-se explorar a presença temática do cinema no livro, bem como possíveis aproximações entre procedimentos literários e cinematográficos.*

## **POLÍTICA E NEGATIVIDADE EM O BANQUETE, DE MÁRIO DE ANDRADE**

**Carlos Moacir Vedovato Junior** (doutorado)  
Orientadora: Professora Dra. Ivone Daré Rabello

*As últimas obras de Mário de Andrade (sobretudo aquelas publicadas no início da década de 1940) são comumente caracterizadas como produções empenhadas mais explicitamente à esquerda. Não se trata, contudo, de uma única posição que possa ser encontrada em cada uma delas. São, antes, respostas diversas dadas a um núcleo de problemas, que, por sua vez, se constituiu ao longo do processo cumulativo de sua trajetória artística. Nesta exposição, pretende-se discutir alguns elementos compositivos de O Banquete, uma dessas respostas. Trata-se de um conjunto de crônicas do autor organizado a partir da estrutura de um diálogo algo filosofante (ou sua paródia) sobre parte das ideias estéticas marioandradinas, mediado por um ângulo narrativo, a sua maneira, envenenado. O tensionamento entre um e outro dá ao leitor uma imagem da impossibilidade da produção artística radical no país.*

## **A REUNIÃO DE FAMÍLIA, DE T. S. ELIOT: A RAZÃO INSTRUMENTAL E A RAZÃO DO POEMA**

**Luís Felipe Ferrari** (mestrado)  
Orientador: Professor Dr. Anderson Gonçalves

*A Reunião de Família, peça de Eliot montada pela primeira vez em 1939, contém uma série de procedimentos centrais para o projeto dramático do autor. Mimetizando as convenções da literatura comercial (a drawing room play e o romance de detetive) ao mesmo tempo que recupera o enredo da Oresteia, mas introduzindo no texto a temática cristã do pecado e da expiação, a peça de Eliot é um objeto complexo e autocontraditório. A imbricação entre a retomada da tradição e a aproximação crítica da estética do mercado representa, a meu ver, uma tentativa de mudar a função do teatro de entretenimento, a serviço de um projeto político que visa à restauração de uma comunidade de valores compartilhados, num dos momentos de mais intensa atuação política do autor. Serão apresentados os principais traços desses procedimentos e seus resultados na obra, principalmente a criação de uma estrutura dramática em dois níveis, um realista e outro figurado, e a linguagem alegórica desenvolvida por Eliot.*

## **VOZ SINGULAR E COMUNAL: A POESIA EM *BETWEEN THE ACTS***

**Carla Lento Faria** (doutorado)

Orientadora: Professora Dra. Cleusa Pinheiro Passos

*A proposta da apresentação é discutir a importância da poesia para o tecido do último romance de Virginia Woolf, Between the Acts (1941). Além de apresentar um pageant que dialoga com a tradição do teatro inglês, podemos observar nessa obra a presença acentuada da poesia e de elementos aos quais Woolf associava esta forma literária (i.e. repetições de padrões e palavras, rima e ritmo, versos, etc.). Misturadas às imagens de silêncio e vazio, as vozes das personagens trazem à tona alusões e citações de poemas canônicos da língua inglesa, que ao serem combinados com os sons da natureza e do gramofone criam uma rica, ainda que dissonante, voz comunal. Por outro lado, o romance também apresenta uma curiosa voz poética singular, a personagem Isabella Oliver, que está sempre recordando versos famosos ou criando imagens poéticas em sua mente, ainda que escolha esconder seu talento de todos. Assim, considerando que Woolf estava interessada em ultrapassar os limites entre gêneros e formas literárias e tendo em conta estudos anteriores a respeito da poesia de modo geral, como Adorno (1957/2003), Candido (1996), Spina (2002) e Paz (1956/1982), e especificamente da poesia em Between the Acts, como Stella McNichol (1990), Emily Kopley (2021), Cuddy-Keane (2008) e Beer (1996), pretende-se investigar as formas pelas quais Woolf dialoga com a poesia nesse romance de modo a criar uma tensão constante entre os aspectos individuais e coletivos da vida humana, tensão esta que se mostra crucial para o desenvolvimento dessa narrativa sobre a Inglaterra à beira da Segunda Guerra Mundial.*

# ROBERTO SCHWARZ ANTES DO EXÍLIO

**Maurício Reimberg**  
(pós-doutorando DTLLC/USP)

**Resumo:** Esta palestra se propõe a discutir os sentidos da crítica de Roberto Schwarz entre 1958 e 1968, período que abrange o momento anterior ao exílio do autor na França. Para tanto, considera-se, especialmente, a presença fundamental da ideia de tempo nos juízos literários do crítico. A partir disso, busca-se definir a especificidade dos seus trabalhos de juventude, caracterizados - entre outros aspectos - pelo anseio de intervenção política e pelo estatuto ambivalente assumido ali pela história.

**sala 107 | 18H**



**10. nov**

14h

**sala 107**

mesa 9

# LITERATURA OITOCENTISTA

**MEDIAÇÃO: PROF DR. EDU TERUKI OTSUKA**

## TENTATIVA DE FIGURAÇÃO DE STAVRÓGUIN

**César Marins de Oliveira** (doutorado)

Orientador: Professor Dr. Edu Teruki Otsuka

*Os demônios (1872), de Fiódor Dostoiévski, é um romance repleto de contradições, que se refletem inclusive na forma literária, e que retomam a aclimação do romantismo na Rússia e a própria formação da literatura russa num todo. Dividido em três partes, cada uma alinhada a um sub-gênero de romance, a interpretação se torna possível através de entradas na obra. Assim, analisando as origens "demoníacas" do personagem Stavróguin, através da aclimação e superação de Byron na Rússia, e a influência do poeta inglês em Púchkin e Liérmontov, buscaremos demonstrar como as contradições da fatura do romance reiteram as ideias do autor sobre o ocidente e a intelligentsia russa.*

## **OLHAR DA PERSONAGEM FEMININA E PATERNALISMO: ALGUNS CASOS DE UM MOTIVO MACHADIANO**

**Maurício Fernandes Di Fraia** (mestrado)

Orientador: Professor Dr. Marcelo Pen Parreira

*Um dos problemas levantados pela leitura do conto “Noite de almirante” (1884), que faz parte do meu objeto de pesquisa, se refere à relação, na obra de Machado de Assis, entre a conduta dos olhos das personagens femininas e o paternalismo brasileiro do século XIX. Este microelemento de enredo – o procedimento dos olhares quando há oposição de gênero e geralmente de classe nas relações intersubjetivas – parece constituir um ponto focal de cristalização daquele dado social: o movimento (mais ou menos) livre dos olhos, enquanto imagem de autonomia e igualdade entre os indivíduos, entra em atrito com uma sociabilidade pautada pela subordinação personalista, que irá buscar adequá-lo à sua norma. Há na obra do autor uma exploração contínua das potencialidades da contradição suscitada por esse pormenor narrativo, que acaba se tornando efetivamente um motivo machadiano. Isto é, por materializar hierarquias e entrar no território sensível da autoimagem das nossas elites, o olhar feminino (e a busca do seu controle) permite a “racionalização” daquela sociabilidade paternalista, em que se pressupõem tanto a estrutura escravista da sociedade brasileira quanto o sistema patriarcal. Esta fala expõe e comenta alguns casos deste motivo, passando também por alguns exemplos correlacionáveis da literatura europeia, e conclui com “Noite de almirante”, que assume um lugar talvez excepcional nesse conjunto.*

## **ENTRE ERROS E ACERTOS: A REFLEXÃO TEMÁTICA NO ROMANCE URBANO DE JOSÉ DE ALENCAR**

**Ricardo Russano dos Santos** (doutorado)

Orientadora: Professora Dra. Sandra Vasconcelos

*É possível perceber, na produção urbana de José de Alencar, o reaparecimento de algumas temáticas, como a cortesã que alcança a redenção (As asas de um anjo e Luciola), o casamento por interesse financeiro (Sonhos d’ouro e Senhora) ou as diferenças entre a corte e a província (Luciola e Sonhos d’ouro). Nesta comunicação, busca-se analisar tais reconstruções temáticas como um processo de amadurecimento do romancista: por um lado, causado por um entendimento mais profundo e complexo de seu tempo; por outro, pela busca literária do gênero e do tom necessários para narrar esse momento histórico.*

## O REFINAMENTO PERFORMÁTICO DE JOHN HALIFAX

**Fernando Moreira Bufalari** (doutorado)

Orientadora: Professora Dra. Sandra Vasconcelos

*O romance vitoriano é repleto de personagens que aspiram se tornar gentlemen, seja essa intenção expressa ou tácita. Nessa seara, uma das obras que melhor formaliza o ideal do gentleman é John Halifax, Gentleman (1856), de Dinah Mulock Craik, na qual o protagonista, por meio de seu trabalho incansável e virtudes cristãs inabaláveis, ascende da pobreza nas ruas à posição desejada. Entretanto, o significado de “gentleman” é objeto de debates no imaginário oitocentista, especialmente em meados do século; como observou Anthony Trollope, alguém que fosse desafiado a definir o termo não seria capaz de fazê-lo, porém, “he would know what he meant, and so very probably would they who defied him” (1883). Ainda que não seja possível traçar uma lista exata de requisitos para que alguém reivindique a posição de gentleman, para ser visto como tal o indivíduo deve exibir certos valores e tê-los reconhecidos por sua comunidade como símbolos que o destacam das massas – um fenômeno que propomos chamar de “refinamento performático”. Essa abordagem não pretende investigar a subjetividade do sujeito em si, mas sim o modo como um tipo de subjetividade deve ser percebida pelos demais para que se reivindique a posição social cobijada, algo que se manifesta no romance ora analisado, por exemplo, na maneira como o narrador-testemunha, Phineas Fletcher, estrutura seus relatos, tecendo sempre comentários elogiosos a John. Deste modo, o presente trabalho explora o conceito de refinamento performático e como ele colabora na compreensão do gentleman no âmbito literário vitoriano.*

16h

**sala 107**

mesa 10

# **CÔMICO E GROTESCO**

**MEDIAÇÃO: PROF DR. JORGE DE ALMEIDA**

**NADA DO QUE É HUMANO ME É ESTRANHO:  
MANIFESTAÇÕES DO GROTESCO EM O CORAÇÃO É UM  
CAÇADOR SOLITÁRIO, DE CARSON MCCULLERS**

**Giovana de Proença Gonçalves** (mestrado)  
Orientador: Professor Dr. Marcelo Pen Parreira

*Nosso objetivo é propor uma interpretação de O coração é um caçador solitário, romance de estreia da norte-americana Carson McCullers, à luz do Grotesco Sulista. Sugerimos, a partir disso, duas possíveis leituras. A primeira é a reconfiguração da subjetividade. As personagens da narrativa conjugam, em suas identidades, a justaposição de contrários, aspecto que reside no cerne do grotesco. Vale ressaltar que as personagens ocupam um espaço privilegiado na ficção de McCullers. A segunda é a vinculação com uma modernidade problemática, expressa pela violência e pelo horror. Identificamos, assim, que as manifestações do grotesco dentro do romance têm estrita relação com o isolamento, essência distinta de O coração é um caçador solitário e ponto central da produção de Carson McCullers. Dessa forma, evidenciamos como esses elementos se conciliam e se tensionam, formalmente, no objeto de estudo. Em nossa análise, buscamos, portanto, nos atentar ao realismo da obra de McCullers.*

## **O ENSAÍSMO NAS FICÇÕES D'O JAPONÊS DOS OLHOS REDONDOS, DE ZULMIRA RIBEIRO TAVARES**

**Samara Fernanda Buoso** (mestrado)

Orientadora: Professora Dra. Ana Paula Pacheco

*A presente comunicação visa a discussão acerca da incorporação ficcional do ensaio por Zulmira Ribeiro Tavares, a partir das narrativas "O pai solteiro diante da técnica e da moral" e "Caros senhores, por quê? – O pai solteiro diante da técnica e da moral desdobramentos do caso", ambas inscritas em O japonês dos olhos redondos (Paz e Terra, 1982). À luz das colocações de Roberto Schwarz, primeiro crítico a apontar o tom ensaístico das ficções de Zulmira Tavares, pretende-se discutir o modo como a escritora se apropria ficcionalmente da forma ensaio, como tal incorporação se manifesta em seus escritos e o que essa opção na sua literatura significa em um momento de crise da linguagem, propagação ostensiva de propagandas e autoritarismo político, este dado pelo regime militar de 1964.*



17H  
sala 107

Prof. Dr.

**mesa de  
encerramento**

**Sérgio de  
Carvalho**

ECA/USP



# CONFRATERNIZAÇÃO

## Rei das Batidas

Av. Valdemar Ferreira, 231  
(próximo ao Metrô Butantã)

**a partir das 18h30**

